

HISTÓRIAS

Na praia

Era uma espécie de clube de verão: um grande casarão quadrado, pintado de amarelo e com grades verdes na varanda que dava para a avenida onde os plátanos maravilhosos povoavam a noite.

Cheirava a maresia e a fruta. Longas músicas pareciam suspensas das árvores e estrelas. E entre as casas brancas, na noite escura e azul, passava o rolar do mar.

Tudo isso envolvia o clube, as suas paredes e janelas, as suas mesas e cadeiras. E envolvia ainda, agudamente, uma por uma, cada pessoa.

Entrava-se pelo «*hall*» por uma grande porta que estava sempre aberta. O «*hall*» era enorme e tinha no meio uma palmeira nostálgica. A decoração era de 1920, num estilo especial que só existia naquela terra.

Nos bancos verdes, encostados às paredes brancas, cobertas até ao meio por grades de madeira verde, estavam pequenos grupos de pessoas sentadas em frente de mesas verdes.

Havia três grupos escuros de homens e dois grupos mais claros de senhoras de uma certa idade.

À medida que eu ia atravessando o «*hall*» ia dizendo «Boa noite» aos vários grupos. Depois espreitei através da porta da sala de jogo, que era de vidro. Os jogadores pareciam condenados à morte que tentavam entreter com calma as suas últimas horas. Estavam abstratos e suspensos e não me viram. Tornei a atravessar o «*hall*» e entrei na sala de baile.

Era dia de orquestra. A orquestra vinha duas vezes por semana de uma praia vizinha. Os músicos eram magros, novos e tinham «*smokings*» velhos, ligeiramente esverdeados pelo uso e pela humidade das invernias marítimas. Eram músicos falhados: sem grande arte, com pouco dinheiro e sem fama. Deviam ser ou

resignados ou revoltados. Espero que fossem revoltados: é menos triste. Um homem revoltado, mesmo ingloriamente, nunca está completamente vencido. Mas a resignação passiva, a resignação por ensurdecimento progressivo do ser é o falhar completo e sem remédio. Mas os revoltados, mesmo aqueles a quem tudo - a luz do candeeiro e a luz da primavera - dói como uma faca, aqueles que se cortam no ar e nos seus próprios gestos, são a honra da condição humana. Eles são aqueles que não aceitaram a imperfeição. E, por isso, a sua alma é como um grande deserto sem sombra e sem frescura onde o fogo arde sem se consumir.

E assim, ali, nós ríamos, conservávamos, dançávamos, enquanto, com os seus velhos «*smokings*», os músicos no palco tocavam.

Às vezes, alguém se queixava de que tocavam mal.

Pelas janelas abertas, a música saía e ia perder-se lá fora por entre as ramagens dos plátanos, misturada com o leve estremecer da brisa e o ressoar fundo do mar.

A sala de baile era grande e comprida. Tinha duas portas que davam para a varanda e outras duas que davam para um «*hall*» mais pequeno que servia de passagem e de ligação entre a sala de baile e o bar.

No fundo da sala de baile havia um palco onde os músicos tocavam, mas onde nunca se representava nada. Mas sabia-se que antigamente ali se tinha representado.

Na parede que ficava à esquerda do palco havia três janelas que davam para uma pequena rua sossegada, onde raramente passava alguém.

Às vezes, nos intervalos das danças, vínhamos encostarmos a essas janelas: em frente havia uma casa com paredes brancas, onde o luar ficava azul, e onde se desenhavam, trémulas, inquietas e vivas, as sombras das folhas cheias de gestos.

E nós estendíamos o braço e arrancávamos dos ramos uma folha que trincávamos devagar entre os dentes.

Depois respirávamos o perfume das tílias, levantávamos a cabeça para o céu e dizíamos:

-- Está uma noite maravilhosa!

Outras vezes, quando não dançávamos, conversávamos em pequenos grupos, sentados nos compridos sofás forrados de verde encostados ao longo da parede. Havia um leve rumor de amores adolescentes. Era como o rumor da brisa. Pois era o princípio da vida e nada ainda nos tinha acontecido. Ainda nada era grave, trágico, nu e sangrento.

E a noite lá fora, com os seus perfumes misturados, com os seus murmúrios, os silêncios e as suas sombras e brilhos, parecia o rosto de uma promessa.

Mas não creio que ninguém, ali, nesse tempo, pensasse realmente no futuro.

Sofia Ribeiro

(6º Ano Turma A)